

É morfologia?*

Maria Carlota Rosa

carlota@ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

RESUMO. O artigo focaliza as duas características que levam a questionar se processos que empregam a supressão de material das palavras-base estão ou não no âmbito da morfologia: a não-universalidade e a intencionalidade. Os dois processos com tais características arrolados na literatura lingüística são o *cruzamento vocabular* ou *amálgama* e a *acronímia* ou *siglação*.

A não-universalidade desses processos deriva da necessidade de a língua contar com um sistema de escrita fonológico para que possam surgir. A intencionalidade está ligada à busca de eufonia. Ambas as características levam diversos autores a retirar tais processos do campo da morfologia, ou a deixar em aberto a questão, ou ainda sugerir que são morfologia, mas improdutiva.

Por mais freqüentes que se venham tornando as siglas e os cruzamentos em diferentes línguas, entre elas o português, são processos que não produzem formações cujo significado seja composicional. Sua estrutura é opaca.

Levada em conta, porém, uma definição de morfologia como representação do sistema mental envolvido na formação de palavras (Aronoff & Fudeman, 2005: 239), não há como negar que a probabilidade de uma sigla, especialmente um alfabetismo, ser aceita em português é alta, o que coloca praticamente qualquer seqüência assim formada no campo das palavras potenciais. Nessa perspectiva, é estranho não aceitar tais processos na morfologia.

PALAVRAS-CHAVE. *formação de palavras e criação vocabular – processo não-universal – processo intencional - morfologia- acronímia ou siglação – cruzamento vocabular ou amálgama*

ABSTRACT. This article focuses on two aspects pointed out as attributes of blends and acronyms: they are not universal and they are intentional. Their non-universality derives from the necessity of a writing system. The intentionality is

Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 4 - 2009, pp. 45-58.

* Versão preliminar deste trabalho apresentada na mesa-redonda "Padrões lexicais: as várias dimensões", no I Simpósio de Estudos Lexicais do Rio de Janeiro/ SEL-Rio, PUC-Rio, em 24 de janeiro de 2007. Agradeço ao Prof. Edson Watanabe (UFRJ) as informações sobre o japonês.

related to the search of euphony. Both aspects are in the origin of a discussion if blending and acroyimization are morphological processes.

If morphology is understood as the mental system involved in word formation (Aronoff & Fudeman, 2005: 239), we have to consider the high probability of a new acronym, specially if an initialism. The high probability makes almost any sequence of letters a potential word in Portuguese. On that perspective is rather strange to say that those processes fit badly as morphological processes.

KEYWORDS. *word formation and word creation – non-universal process – intentional process – morphology – acronyms – blends.*

1 – Introdução

Nos estudos tradicionais sobre o português, já se sugeria a possibilidade de algumas formações não resultarem de um processo morfológico. São observações rápidas, em geral de cunho histórico, relativas à formação do léxico português. Estão nesse caso, por exemplo, Cunha & Cintra (1985: 95), que justificaram não arrolarem *-iça* como sufixo formador de substantivos com base em adjetivos, uma vez que “*justiça* não apresenta propriamente o sufixo *-iça*, porque a palavra é continuação do latim *justitia*” e, por conseguinte, não se tratava de uma palavra formada pelos processos à disposição de um falante do português.

Mais recentemente a questão começou a ganhar espaço na literatura lingüística, possivelmente em razão de siglas e acrônimos terem-se tornado comuns em muitas sociedades nas últimas décadas do século XX e, em menor escala, o cruzamento vocabular ou amálgama. Sem procurar fazer uma revisão exaustiva da literatura lingüística, a lista de processos de criação vocabular situados fora do âmbito da morfologia varia de autor para autor, mas o cruzamento vocabular ou amálgama e a acronímia ou siglação são recorrentes. Muitos autores não reconhecem como morfológicos tais processos, que consideram marginais, marcados pela supressão de partes de palavras que serviram de base, termo que aqui designa as palavras a que os processos de acronímia ou cruzamento foram aplicados para gerar uma palavra complexa. Mas a questão parece incômoda e esses mecanismos podem ser classificados como não morfológicos ou extragramaticais (Beard 1998: 56; Haspelmath 2002: 25; Booij 2007: 20-23; Villalva 2008: 52-63), como morfologia improdutiva (Aronoff

& Anshen 1998: 246)¹, ou ainda como uma fronteira que não está claramente demarcada (Bauer 2003: 46)². Uma vez fora da morfologia, nem a acronímia, nem o cruzamento vocabular (nem a redução) teriam importância para a teoria morfológica³⁻⁴ (Spencer 1991: 461-462; Corbin 1987: 579).

Uma vez considerados fora da morfologia, tais processos não deveriam ser referidos como *formação*, mas como *criação vocabular* (Spencer 1991: 461-462; Booij 2007: 20) ou ainda como *invenção de palavras* (ingl. *word manufacturing*).

O objetivo deste artigo é discutir os argumentos que sustentam a retirada desse tipo de processos do âmbito da morfologia. Aqui, *morfologia*, como em Aronoff (1976), Aronoff & Anshen (1998) e Aronoff & Fudeman (2005), é o estudo e o sistema mental envolvido na formação de palavras e trata da estrutura interna das palavras complexas potenciais de uma língua. Uma palavra é potencial na medida em que poderia ser gerada por um dos processos de formação de palavras produtivos na língua. As palavras existentes seriam aquelas no léxico, em princípio porque: (a) não têm estrutura interna, como PEIXE ou PEDRA; ou (b) sua estrutura é apenas parcialmente reconhecida, caso de formações em *-ico* como HERMÉTICO, HÉCTICO; ou (c) seu significado não pode ser deduzido das partes componentes, como BOIOLA ('homossexual masculino').

As seções que se seguem situam, primeiramente, o problema. Em seguida, são focalizadas a não-universalidade e a intencionalidade, duas características atribuídas ao cruzamento vocabular e à acronímia, mas com o foco na formação de siglas. Segue-se a discussão. Por fim, algumas considerações encerram o texto.

¹ Aronoff & Anshen (1998: 246): "Some scholars have insisted that the study of morphological productivity should confine itself to the study of words that are produced unintentionally [...]. This rules out entirely the study of unproductive morphology, which resembles more marginal forms of word creation like the formation of blends [...] or acronyms [...], in being more likely to be intentional or noticed".

² Bauer (2003: 46): "They are thus not universal since not all languages are written. Neither do they clearly belong under the heading of morphology although they are included here for the sake of completeness".

³ Spencer (1991: 461-462): "None of these is of any great importance to morphological theory".

⁴ Corbin (1987: 579): "... faut-il l'inclure [*la siglaison*] dans le composant lexical, puisqu'il est possible de construire des dérivés de sigles (*cégétiste*), ou dans le composant phonologique, et permettre aux RCM [*règle de construction de mots – MCR*] d'avoir accès à la sortie de celui-ci?".

2 – Situando o problema

Em 1976, Mark Aronoff trazia a noção de produtividade para o primeiro plano no estudo da morfologia, num quadro teórico em que a morfologia constitui-se na parte da gramática referente à estrutura interna das palavras complexas potenciais e, por essa razão, parte da competência lingüística do falante.

O termo *produtividade* já fora empregado antes, por exemplo, em obras tão antigas quanto a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de M. Said Ali, revista e ampliada pelo autor em 1931 e, mesmo sem o emprego do termo, a produtividade surgia em obras como Góes (1938) ou Allen Jr. (1941), por exemplo, que podiam referir um sufixo como *-íssimo*, por exemplo, como o “principal sufixo formador de grau superlativo absoluto synthético” (Góes 1938: 108). Mas era uma noção pré-teórica: a produtividade não era tratada com mais que umas poucas observações assistemáticas.

Diferentemente desses autores mais antigos, Aronoff procurava discutir as “*propriedades muito específicas*” (Aronoff 1976: 35) que traçariam uma linha divisória entre processos produtivos e processos improdutos e, desse modo, retirar do termo *produtividade* o caráter intuitivo com que era empregado. A produtividade representa os processos gramaticais – e portanto regulares – ativos na formação de palavras novas numa língua. Tornava-se central porque “...*the simplest task of a morphology, the least we demand of it, is the enumeration of the class of possible words of a language*” (Aronoff 1976: 17-18).

Nessa obra já clássica, ao perguntar de que as novas palavras eram cunhadas⁵, Aronoff (1976: 20) comentava dois fenômenos que caracterizou como *oddities*, termo que poderia ser traduzido como

⁵ “*What Are New Words Coined From?*”, título da seção 2.2.3. E prosseguia: “*Oddities*. The italicized words [...] above are all rather unusual coinages. Those whose basis is not completely opaque are *blendings* [...] or [...] *portmanteau words*, formed by merging parts of words into a word which meets the phonotactic restrictions of the language. More transparent examples are *smog*, from *smoke* and *fog*, and *chunnel*, from *channel* and *tunnel*. A related type of coining is that of *letter words* and *syllable words*, collectively known as *acronyms*. [...] This type is almost unknown in the languages of the world and was uncommon in our own before this century. [...] It does, in any case, presuppose an alphabet. [...] The device is, in short, very unusual and certainly not a universal fact of language. These two devices form words which have no recognizable internal structure or constituents. This makes them opaque, and hence uncommon.”

‘esquisitices’. Reconhecia como “esquitos” dois tipos de formações opacas – uma vez que têm estrutura interna não recuperável a partir exclusivamente do conhecimento lingüístico do falante –, e que, por essa razão, segundo ele, eram incomuns. Um deles era o *cruzamento* ou *fusão vocabular* (ing. *portmanteau word* ou *blending*), que pode ser exemplificado em português em formações como SACOLÉ (de SACO e PICOLÉ, ‘sorvete em saquinho’) ou BRASIGUAIO (de BRASILEIRO e PARAGUAIO, definido no *Dicionário Houaiss* como ‘que tem características, elementos ou aspectos tanto brasileiros como paraguaios’). O outro eram os *acrônimos* (ing. *acronyms*), exemplificados em português por formações como INCA (para *Instituto Nacional do Câncer*) e formas por vezes denominadas *alfabetismos* ou *inicialismos*, como IPTU (para *Imposto Predial e Territorial Urbano*). *Acrônimo* é aqui sinônimo de *sigla*, uma vez que as pronúncias soletrada ou não que distinguiriam os dois tipos, a despeito de serem, em geral, previsíveis, como demonstra o algoritmo proposto por Barbosa, Rosa, Gonçalves & Resende Jr (2003), podem aplicar-se a uma mesma formação, como ilustram, no português brasileiro, ONG⁶ ([œni'ʒe] ou ['õŋgi]) e USB⁷ ([wesi'be] ou ['uʒbi]).

Bauer (2003:46), como Aronoff (1976:20), classificava ambos os tipos como formações baseadas em alfabeto e, assim sendo, não-universais. Na discussão acerca da produtividade e do papel de processos como acronímia e cruzamento, uma questão seria apontada como uma linha divisória entre esses e os processos gramaticais⁸⁻⁹: a intencionalidade, cuja expressão máxima é a busca pela eufonia.

⁶ Sigla para *organização não governamental*.

⁷ Sigla para *universal serial bus*.

⁸ Beard (1998:56): “Blending, acronymization, and analogical formation also tend to be conscious operations, unlike grammatical derivation. Words like *smog*, *motel*, and *tangelo* are created intentionally by a logical rather than grammatical process: if the reference is part A and part B, then the word referring to it should comprise parts of the words for A and B. Acronyms like *laser*, *scuba*, *aids*, have been converted from phrases to the initial letters of the words in those phrases, which are not part of grammar, then the initials have been phonologically interpreted. *Acquired immune deficiency syndrome*, for example, provides *aids*, which is rendered pronounceable by applying English spelling rules in reverse. The process hence requires considerable conscious activity outside the bounds of grammar. As in the case of clipping, the phrase and the acronym are synonymous, and both remain in the language”.

⁹ No tocante a cruzamentos, Aitchison (1994) defende que não são intencionais e que podem, mesmo, ser encontrados na fala de alguns afásicos.

A seção seguinte revê ambas as características apresentadas na literatura lingüística, tomando a formação de siglas como base para a discussão.

3 – Um processo incomum?

3.1 – A não-universalidade

A não-universalidade deriva da base gráfica das formações, mais evidente nos alfabetismos. Bauer (1983: 238) aponta como evidência para a base gráfica da acronímia o fato de que o valor fonético de cada formativo, em última análise uma letra, é fixado a partir do acrônimo, não da locução com base na qual foi formado. Um exemplo em português: CIMI (*Conselho Indigenista Missionário*), foneticamente [´siml], ganha para o < c > não a pronúncia como oclusiva velar surda [k] que o < c > representa em *Conselho*, mas a pronúncia que <c> tem diante de <i> em português, [s]; por sua vez, [t] passa a [i] e a receber apenas a nasalidade do contexto. O carácter ortográfico de siglas soletradas ou alfabetismos (SBT¹⁰, CNPq¹¹, APPACDM¹²) é evidente. É o *nomen* da letra que é pronunciado, o que torna possível dotar de pronúncia seqüências gráficas que, de outro modo, não representariam seqüências legais na língua, nem fonológica nem ortograficamente.

O carácter gráfico determina a pronúncia, isto é, a preferência por silabar ou soletrar a sigla deriva do número de formativos e da seqüência de consoantes e/ou vogais considerada. Uma sigla em português com dois formativos será soletrada: HU¹³, BO¹⁴; por outro lado, uma sigla de três formativos com a estrutura VCC será soletrada ou não na dependência de a primeira consoante na seqüência ser ou não <s>, <r> ou <l> e ser diferente da segunda: ACM¹⁵, USP¹⁶.

¹⁰ Sigla para *Sistema Brasileiro de Televisão*.

¹¹ Sigla para *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*.

¹² Sigla para *Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental*.

¹³ Sigla para *hospital universitário*.

¹⁴ Sigla para *boletim de ocorrência*.

¹⁵ Sigla para *Associação Cristã de Moços* ou ainda para referência ao falecido político Antônio Carlos Magalhães (1927-2007).

¹⁶ Sigla para *Universidade de São Paulo*.

A não-universalidade apresenta-se sob três ângulos estreitamente relacionados. Primeiramente, quanto ao surgimento recente do processo. Era desconhecido antes do século XX, uma vez que não se confunde com abreviaturas (a esse respeito, ver Abreu 2004; 2009), e raro ainda em meados desse século. Aronoff (1976: 20) reporta o fato em relação ao inglês¹⁷. Sandmann (1988: 146)¹⁸ refere observação de Piel sobre o francês, quando este publica, em 1966, a edição revista e ampliada da *Gramática histórica da língua francesa: 2ª Parte – Formação de palavras*, de Meyer-Lübke. Cunha (1972: 130-131)¹⁹, por exemplo, demonstrava que as siglas também eram incomuns em português, mas começavam a ganhar espaço. Câmara Jr (1973: 50) limita o processo à formação de nomes próprios, e as locuções-base por ele arroladas eram “*títulos de obras, revistas e jornais em citação [...], partidos [...], departamentos, organizações e até nomes de países [...]*,” mas já apontava uma tendência de ampliação: “*mais recentemente nomes de autores, figuras políticas [...]; etc.*”

Seja como for, a raridade sentida nas décadas de 1960 e 1970 não pode ser invocada quase meio século depois, como demonstrou Abreu (2004; 2009) para o português, nem a relação de causalidade defendida por Aronoff (‘*opaque, and hence uncommon*’) pode ser sustentada. A opacidade é uma característica do processo, mas a ela não pode ser atribuída a causa de essas formações serem mais ou menos comuns — afirmação em que (*in*)*comum* se refere à frequência de formações desse tipo.

A não-universalidade pode ser interpretada não no âmbito da frequência de formações numa linha do tempo, mas no âmbito da ocorrência do processo nas línguas do mundo. As siglas pressupõem

¹⁷ Aronoff (1976: 20): “[t]his type is almost unknown in the languages of the world and was uncommon in our own before this century [...]. It does, in any case, presuppose an alphabet. At present it is most common in the official languages of the major imperialist powers. The device is, in short, very unusual and certainly not a universal fact of language”.

¹⁸ Sandmann (1988: 146): “PIEL (p. 175) acentua, além disso, como aliás já o tinha feito MEYER-LÜBKE (ib.), o caráter atual dessas formações: Às palavras formadas artificialmente com letras iniciais, que nos últimos decênios proliferaram sempre mais também na França (...)”.

¹⁹ Cunha (1972: 130-131 – *ênfase no original*): “Também moderno — e cada vez mais generalizado — é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras **siglas** constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem. [...] Uma vez criada e vulgarizada, a sigla passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: arenista, emedebista, etc”.

um alfabeto, o que retiraria do processo qualquer possibilidade de universalidade.

A restrição do processo a línguas com sistema de escrita alfabético não parece ser tão extrema, ou melhor, parece poder ser estendida para línguas com sistemas de escrita fonológicos, o que inclui os sistemas de escrita silábicos. A formação de siglas não é desconhecida do japonês, por exemplo, língua cujo sistema de escrita não tem por base um alfabeto, mas um conjunto de caracteres e dois silábrios, e em que o processo parece ser particularmente produtivo com empréstimos: *modern girl* como *mo-ga*, ‘*dance parties*’ como *dan-pa*, ‘*potato chips*’ como *po-te-chi*, ‘*engine stop*’ como *en-su-to-pu*²⁰.

A famosa *Tokyo Kogyo Daigaku*, literalmente,

To -	kyo ²¹	Ko	gyo	Dai	gaku
leste	capital	engenharia	tecnologia	grande	escola

tem como sigla *ToKoDai*, normalmente representado pelo carácter de ‘leste’ (To), de ‘engenharia’ (Ko) e de ‘grande’ (Dai). São só três caracteres²². E o “interessante é que o japonês é sempre silábico e não existe a situação de termos consoantes seguidas”²³.

A impossibilidade de alfabetismos no chinês²⁴ não se mantém no tocante ao sistema romanizado de escrita do chinês conhecido como *pinyin*:

Since the promulgation of the (latin) alphabetic pinyin supplementary writing system, one sees alphabetic acronyms, some of them rather alarming and most of them quite dysphonic (if that's the opposite of euphonic). For instance, Guangzhou Foreign Language Institute could end up as GZWGYXY for Guangzhou WaiGuo YuYan XueYuan [= WideState OutCountry SpeechTalk LearnYard]; or as GWYX for Guangzhou Waiguo Yuyan Xueyuan [= Guangzhou Foreign Language Institute] if they take the first letter of each disyllabic word rather than the first letter of each monosyllabic morpheme.

²⁰ LINGUIST List: Vol-4-502. 24 JUN 93 From: guy modica - Subject: Re: 4.494 Acronyms

²¹ Originalmente a capital do Japão era Kyoto, mais a oeste.

²² Edson Watanabe (c. p.).

²³ Edson Watanabe (c. p.).

²⁴ LINGUIST List: Vol-4-494. Wed 23 Jun 1993. ISSN: 1068-4875. Lines: 236 Subject: 4.494 Acronyms From: Joel Bradshaw - Subject: Re: 4.482 Qs: Acronyms

A não-universalidade reflete-se ainda num terceiro aspecto: mesmo numa língua dotada de sistema de escrita fonológico, pressupõe um falante alfabetizado no mínimo medianamente, que deverá não só conhecer o *nomen* das letras, mas que já tenha desenvolvido, no tocante à leitura e à escrita, a competência para segmentar, excluir, substituir e adicionar letras.

Uma língua pode existir sem manifestação escrita e mesmo que conte com um sistema de escrita, ele não será necessariamente fonológico nem estará necessariamente disponível para todos.

3. 2 – A intencionalidade

Câmara Jr. (1973: 50) apontava como uma das tendências da acrografia o fato de essas formações “*associarem-se a raízes da língua parônimas ou homônimas, cuja significação a isso se presta*”. E exemplificava: “SAPS, para *Serviço de Alimentação da Previdência Social* associado à raiz *sap-* de *sapere* ‘saborear’. Mais recentemente, MERCOSUL (*Mercado Comum do Sul*) pode ser associado à raiz *merc-*, presente em MERCAR, MERCADO, MERCANTE, MERCANCIA. Outros exemplos: SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), SIGA (*Sistema Integrado de Gestão Acadêmica*), SIGMA, PROHPOR (*Programa para a História da Língua Portuguesa*), CASA (*Comunidade Sul-Americana de Nações*). É um desiderato (nem sempre alcançado) fazer coincidir uma seqüência com uma raiz ou com uma palavra que de alguma maneira remeta o falante para uma unidade de som e significado, o que parece procurar compensar a opacidade de uma formação que não se constitui de raiz e afixos.

A tendência apontada por Câmara Jr. expressa o que intuitivamente um falante considera uma *boa sigla*. GRUDA, para *Grupo de Estudos de Doenças Afetivas*, por exemplo, é percebida como uma “boa sigla”, uma vez que evoca o ‘apego excessivo’, coloquialmente referido como *grude*. A sensação de *boa sigla* deriva de se ter conseguido criar algum tipo de redundância, de modo a associar a forma a um lexema. A associação não pode, porém, evocar uma relação indesejável. Assim, embora os alfabetismos sejam os tipos mais comuns de siglação (Abreu 2004), não se aceitaria reduzir *Conselho Universitário*, por exemplo, a um alfabetismo, pela carga pejorativa que carregaria.

Para criar a associação com outras palavras da língua, a acronímia permite, com razoável grau de liberdade, a manipulação das letras que serão levadas em conta para a formação, sendo possível combinar letras iniciais, sílabas, letras não iniciais e até mesmo seqüências cuja relação com a locução original não é perceptível. A liberdade de extrair da locução algumas letras em detrimento de outras ou mesmo de incluir letras supérfluas (*vide* Abreu 2004; 2009) exprime o quanto há de intencional nesse processo.

A relação entre as letras escolhidas como formativos da sigla e o significado é estabelecida a cada sigla e poderá nem mesmo ser recuperada quando do emprego da sigla. É muito rara a associação a um significado em razão da freqüência, mas, de qualquer modo, não se aplica a alfabetismos. A freqüência com que foram empregados no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 *-bras* (para '*Brasil*' ou '*brasileiro*', e.g., PORTOBRÁS, TELEBRÁS, BANCOBRÁS, ELETROBRÁS, SIDERBRÁS, NUCLEBRÁS, RADIOBRÁS) e *embra-* (para '*empresa brasileira*', e.g., EMBRAER, EMBRAFILME, EMBRAMEC, EMBRAPA, EMBRATTEL, EMBRATER, EMBRATUR) fizeram com que esses elementos passassem a ter um significado associado, como um morfema, o que permitiu que informalmente, surgissem termos como ROUBOBRÁS e EMBRA-QUALQUER-COISA.

Por outro lado, a liberdade na manipulação do que será retido e do que será suprimido obscurece por vezes a fronteira entre a acronímia e outros processos, como a redução: PETROBRAS (*Petróleo Brasileiro S.A.*, atualmente *Petrobras Brasil*), por exemplo, seria efetivamente uma formação acronímica? Quanto da base teria de ser mantido, como questiona Cannon (1989), para que se possa ainda falar de sigla?

Em razão da opacidade, o uso freqüente pode levar uma sigla a ser reanalisada como uma palavra primitiva. Um exemplo recente no Brasil é *ibope*. De sigla para o *Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística*, passou a designar, como nome, 'bom índice de audiência entre telespectadores' ou ainda 'prestígio'. Com a reanálise, a sigla pode (a) servir de base para a formação de novas palavras (PEEMEDEBISTA, de PMDB, *Partido do Movimento Democrático Brasileiro*; PETISTA, de PT, *Partido dos Trabalhadores*; EMEESSETISTA, de MST, *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*), até mesmo de um cruzamento vocabular: PETELHO (de PT e PENTELHO, 'petista chato'); e

(b) perder a relação entre as letras e as palavras da base que representam, podendo ser empregada com alguma dessas palavras: *Sistema Siga* (de *Sistema Integrado de Gestão Acadêmica*), *protocolo IP* (*Internet Protocol*), *Banco BMG* (*Banco de Minas Gerais*), *Fundação Funasa* (*Fundação Nacional de Saúde*).

4 – Fora da morfologia?

Haspelmath (2002: 25) argumenta em favor de retirar da morfologia os processos que tomam a escrita por base porque, não obstante criem novas palavras, como as operações morfológicas fazem,

they do not fall under morphology, because the resulting new words do not show systematic meaning-sound resemblances as the sort that speakers would recognize. If we know that *CD* is an abbreviation of *compact disc*, we do not know it as a result of unconscious language acquisition, but because we were explicitly told so. Thus, not all processes of word-creation fall under word-formation, and abbreviations and clippings will play no role in this book. (Haspelmath 2002:25)

Booij (2007: 21), na mesma linha de argumentação, aponta que o uso da supressão leva a que seja impossível usar do conhecimento lingüístico para descobrir o significado da formação resultante. No entanto o mesmo argumento pode ser empregado para palavras que não se questiona se resultam de processos morfológicos. Não é possível, por exemplo, interpretar ADOÇANTE como um ‘substituto químico do açúcar de baixo valor calórico’ a partir de sua estrutura. Nem DECLARAÇÃO como um ‘documento entregue anualmente à Receita’.

É possível contra-argumentar que, mesmo sendo esses significados não previsíveis a partir da estrutura, ainda assim seria possível pressupor ‘algo que adoce’ e ‘algo relacionado a declarar’, o que seria impossível a partir de um *C* ou de um *A*. Fora de qualquer contexto isso é exato; no entanto, em contextos especializados, podemos esperar que *U* esteja por *universidade*, *F* por *Faculdade*, *A* por *associação*, *C* por *conselho* se ocorrerem numa sigla em posição inicial; ou *V* por *vírus* se em posição final (HIV, HPV, EBV)...

A noção de produtividade procura demonstrar os processos que estão à disposição de um falante. É possível estabelecer, por exem-

plo, que é praticamente nula a probabilidade de novo nome abstrato em *-or* (como FULGOR, ALBOR), não obstante já se ter notado que “quanto menos uma regra é produtiva, tanto mais forte é o efeito de seu desempenho lingüístico criativo” (Sandmann, 1992: 74). A probabilidade de novas siglas, especialmente de alfabetismos, é alta, o que fica demonstrado em criações e reanálises coloquiais com fins humorísticos, como ASPONE (*assessor de porra nenhuma*), PDI (*porra da idade*), TPM (*tendência para matar*), QI (*quem indica*) ou em linguagens de especialidades, como PB (*português do Brasil*), HO (*higiene ocupacional*)... Mas uma seqüência de nomes de letras não se torna uma probabilidade de formação para um analfabeto, não obstante a freqüência no quotidiano possa criar as condições para seu reconhecimento e emprego como uma palavra primitiva, caso de CD, DVD, por exemplo. Novamente se pode contra-argumentar que também há processos derivacionais que são produtivos entre falantes escolarizados: por exemplo, a formação de nomes abstratos em *(i/e)-dade* a partir de adjetivos.

Ambos os processos têm características particulares, mas a linha divisória não parece tão clara.

5 – Considerações finais

O distanciamento que formações baseadas em elementos da escrita apresentam em relação aos processos de formação de palavras que tomam por base raízes e /ou afixos permitem entender a discussão acerca de se estariam ou não na morfologia. Diferentes trabalhos vêm demonstrando a natureza desse distanciamento. Gonçalves (2006), focalizando o cruzamento vocabular, demonstra a importância da interface do processo com a fonologia, do mesmo modo que fizera Corbin (1987), em outro quadro teórico, em relação às siglas. Abreu (2009), com base em testes psicolingüísticos, demonstrou que, no tocante às siglas, os falantes distinguem as siglas das palavras e das não-palavras.

Mesmo que se leve em conta sua não-universalidade, ainda assim, para muitas línguas, a probabilidade de novas formações vem crescendo nas últimas décadas, o que implica que são mecanismos que fazem parte da competência lingüística. Sendo assim, é impor-

tante compreendê-los e, se não têm importância para uma teoria da morfologia, isso não pode significar que não têm interesse para estudo.

REFERÊNCIAS

- Abreu, K. N. M. de. 2004. *Um caso de morfologia improdutiva no português do Brasil: a formação de siglas e de acrônimos*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
- Abreu, K. N. M. de. 2009. *Um estudo sobre as siglas do português do Brasil*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
- Aitchison, J. 1994. *Words in the mind: an introduction to the mental lexicon*. 2nd. ed. Oxford: Blackwell.
- Ali, M. S. [1931] 1971. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Allen Jr., J. H. D. 1941. Portuguese word-formation with suffixes. *Language Dissertation n° 33*, 17(2). April-June, 1941. Baltimore: Linguistic Society of America.
- Aronoff, M. 1976. *Word formation in generative grammar*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Aronoff, M.; Anshen, F. 1998. Morphology and the lexicon. In: A. Spencer; A. M. Zwicky (Eds.). *The handbook of morphology*. Oxford: Backwell, 235-247.
- Aronoff, M.; Fudeman, K. 2005. *What is morphology?* Oxford: Blackwell.
- Barbosa, F. L. de F.; Rosa, M. C.; Gonçalves, C. A. & Resende Jr., F. G. V. 2003. Algoritmo para leitura de siglas em um sintetizador de voz. *Anais do XX Simpósio Brasileiro de Telecomunicações*. Rio de Janeiro: IME/PUC-RJ, 672-675.
- Bauer, L. 1983. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bauer, L. 2003. *Introducing linguistic morphology*. Washington DC: Georgetown University Press.
- Beard, R. 1998. Derivation. In: A. Spencer; A. Zwicky (Eds.). *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 44-65.
- Booij, G. 2007. *The grammar of words*. Oxford: Oxford University Press.
- Câmara Jr., J. M. 1973. *Dicionário de Filologia e Gramática referente à língua portuguesa*. 5^a ed. Rio de Janeiro: J. Ozon.
- Cannon, G. 1989. Abbreviations and Acronyms in English Word-Formation. *American Speech*. 64(2): 99-127.
- Corbin, D. 1987. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Niemeyer.
- Cunha, C. F. da. 1972. *Gramática da língua portuguesa*. 1^a ed. [Rio de Janeiro]: MEC/FENAME.

- Cunha, C.; Cintra, L. F. L. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Góes, C. 1938. *Diccionario de affixos e desinencias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Gonçalves, C. A. 2006. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da ABRALIN*. **5(1-2)**: 169-183.
- Haspelmath, M. 2002. *Understanding Morphology*. London: Arnold.
- Houaiss, A.; Villar, M. S. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Sandman, A. J. 1988. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone.
- Sandman, A. J. 1992. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto.
- Spencer, A. 1991. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell.
- Villalva, A. 2008. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta.